

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6600; Estrangeiro, 6 meses 10200
PAGAMENTO ADIANTADO

Os militares, afinal, estão usando os mesmos processos e patenteando os mesmos vícios dos políticos anteriores

Operou-se mais uma modificação no cenário da actual situação política. Já não é o general Gomes da Costa quem manda — é o general Carmona. Um novo governo dirige neste momento a nação. Já o sr. Martinho Nobre de Melo nada manda na presente situação. O sr. Filomeno da Câmara também foi passar.

A pouco mais de um mês da revolução militar, três governos distintos têm gerido os negócios do Estado. O primeiro governo, o do comandante Cabeçadas, foi obrigado a demitir-se após várias cabeçadas que só trouxeram ao país dissabores, confusão e desordem. Seguiu-se-lhe Gomes da Costa, que melhor não andou do que o anterior, pelo contrário: amordaçou a imprensa e fez perseguições. Agora um novo governo, presidido pelo general Carmona, acaba de tomar conta do poder e dispõe-se a governar.

Não conhecemos as intenções do novo governo. Podemos admitir, por condescendência, que sejam boas.

O exército fundamenteu a sua intervenção na vida política e na governação pública em várias razões que ainda não esqueçamos. Entre elas, a instabilidade dos ministérios constitucionais, a intriga política sem objectivos elevados e as ambições desmoralizadoras dos vários grupos eram as de maior vulto.

Mas se o exército fez a sua revolução para acabar com esses males porque razão está seguindo precisamente as mesmas pizadas daqueles contra quem se revoltou?

Parecia, pela maneira como falavam os defensores e propagandistas da ditadura militar, que o exército era constituído por vestais immaculadas incapazes de errar. E, afinal, é o que se está vendo.

A sua unidade de vistas, a sua disciplina, a sua competência começam agora a patentear-se de maneira bem clara aos olhos do povo.

Principia a ser confirmado pela prática, pela realidade, tudo quanto temos afirmado acerca da incapacidade governativa do exército.

Os acontecimentos dos últimos dias trazem o país tão alarmado, do norte ao sul, como os acontecimentos revolucionários de que eram feitos os homens que anteriormente nos governavam.

Em que difere, pois, um general Gomes da Costa, que veste tarda, e a pesar de ter estado no poder não conseguiu resolver, senão agravar, um único dos grandes problemas colectivos dum outro Costa qualquer que, vestindo frack ou paletot, tenha governado isto com o habitual desacerto e tradicional incompetência?

Em que difere a situação presente, dirigida por militares, da situação anterior dirigida pelos políticos democráticos?

São muito semelhantes. Mas parece-nos que o exército, que quer salvar a nação que os partidos afundaram, apenas conseguirá perdê-la mais depressa.

RESPOSTA A UMA CARTA

Em que se prova que não ha suspeita, mas apenas lógica na critica feita à atitude dum jornalista

Camarada Eduardo Frias:—Não sei a que atribuir a tua carta de ontem no *Diário da Tarde*. Neuró, obediência a influências estranhas, qualquer coisa que eu não sei descorrer? O que é certo é que, depois da nossa última e amena conversa de amigos, eu estranho a tua atitude. Afigura-se-me que, pelo menos, te deixaste possuir dum injustificada mania de perseguição, tão injustificada quanto é certo que eu puz em jôco toda a lealdade que me caracteriza e me fiquei na impressão de que lóra compreendido, e o teu procedimento seria muito outro. Enfim, como a público me chamas, limito-me-hei a fazer uma descrição sucinta do incidente, se é que deste modo se pode qualificar um reparo de camarada e amigo. Ora vamos: Logo após aquela entrevista apologética da ditadura que José Pacheco te concedeu para a *Revolução Nacional*, encontramos-nos e eu significuei-te a minha compaixão na estrepitosa que causara aos nossos camaradas de ideias o facto de assinares, sem comentários que salvaguardassem as tuas responsabilidades de revolucionário, opiniões tão antagónicas, num jornal especialmente criado para nos atacar.

Desculpastes-te com a precária situação económica e afirmaste-me que carecias de subscrever a tua produção ali, tanto mais que isso já te servia para a consecução de trabalho em outros jornais; invoquei a coerência a afirmações passadas, mas foste inabalável. Então, sim, é certo, na qualidade de director do suplemento de *A Bataha*, para evitar a estranheza dos nossos camaradas leitores do periódico em verem o mesmo nome firmar em dois órgãos, os mais antagónicos, matéria inevitavelmente contraditória, deliberei que em nada te fosse alterada a colaboração mas que os teus artigos saíssem não fascinados. Havia, porém, um conto que deveria ser publicado com o nome do autor e dei instruções para que nele subscrevessem as tuas iniciais.

Onde está, portanto, a perseguição, o ataque à tua vida moral e material, se moralmente foste tu quem se prejudicou, e materialmente nada sofrias? É's injusto. Depois, recordas-te, voltámos à conversa sobre o assunto, e tu, vendo mais claro, convieste em que, de facto a duplicidade de assinaturas dava aos profanos a impressão dum desvio ideológico, e influenciado talvez pelo acréscimo de matéria estranha, a uma das tuas produções na *Revolução Nacional*, pela insinuação dum vespertino, que iria assumir a direcção desse jornal, achastes acertado não só o não assinar mais qualquer trabalho a sair no órgão da ditadura militar como ainda publicares em qualquer jornal a declaração de que eras não só contra a síntese das entrevistas que assinas, como mantinhas íntegras as tuas ideias.

Recordas-te? Isto disseste-lo tu muito espontaneamente, posto que eu continuei a

A destituição do general Gomes da Costa pelos comandantes da guarnição militar de Lisboa

Foi constituído novo ministério presidido pelo general Carmona—O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia—O movimento de agora também triunfou sem luta

Os últimos acontecimentos, aos quais a imprensa não tem podido referir-se tão desenvolvidamente como merecem, atingiram ontem o seu aspecto melindroso e agudo. Há dias que nos meios militares se estabelecia um ambiente desfavorável ao general Gomes da Costa.

Do sucedido damos a seguir sucinto relato, se a censura no-lo permitir.



Antecedentes da queda de Gomes da Costa

Os comandantes das unidades aquarteladas em Lisboa procuraram, há dias, no palácio de Belém, o general Gomes da Costa. Os oficiais foram manifestar o seu desagrado pela orientação seguida pelo presidente do ministério, ora deposto.

Compareceram: o general Domingues, comandante da 1.ª Divisão; o coronel Valadas, comandante da Guarda Republicana; o coronel Musinho de Albuquerque, comandante das tropas acantonadas em Sacavém; o general Sinel de Cordes, o tenente-coronel Raúl Esteves e outros oficiais superiores ligados aos acontecimentos em curso.

Entre todos, a controvérsia foi muito agitada, havendo uma extraordinária irreducibilidade de parte a parte. Os oficiais apresentaram uma plataforma nos seguintes termos: reconduzir, imediatamente, os ministros demissionários, havia poucas horas.

O general, que a princípio se mostrou intransigente, terminou por declarar que abandonaria a presidência do ministério, se era esse o desejo do exército. Quanto à plataforma que lhe foi apresentada, opunha-se terminantemente por considerar que ela representava um desprestígio para o seu nome. Enquanto durou a conferência, o chefe do governo afastou-se, por vezes, para um gabinete contíguo, onde ia tomar conselho com algumas pessoas que ali estavam reunidas.

A entrevista terminou, já de madrugada, tendo pedido a sua demissão os comandantes da 1.ª Divisão, da G. N. R. e das tropas de Sacavém.

A nota oficiosa que foi publicada nos jornais da manhã não representava, portanto, a expressão da verdade. Confirmavam-se as divergências. O problema político não tivera ainda uma solução definitiva.

Ante-ontem voltaram a reunir-se com o general Gomes da Costa alguns dos oficiais acima nomeados, chegando-se a manhã alta sem uma solução definitiva.

Estava aberto o conflito. De tarde, tendo sido dada ordem às tropas da Guarnição para se conservarem de prevenção simples, permanecendo nos quartéis todos os oficiais.

A's 7 horas da manhã as tropas passaram a prevenção geral, e às 8, a prevenção rigorosa.

A's 13 horas, foi dada ordem pela Divisão para que fosse içada, em todos os quartéis, a bandeira nacional, o que se fez com as honras do estilo.

Houve uma tentativa de contemporização, apenas se conseguindo que os oficiais transigissem em não colocar o sr. Sinel de Cordes na presidência do ministério.

A meio da noite, os comandantes das unidades reuniram-se no Quartel General da 1.ª Divisão, a fim de decidirem o caminho a seguir. O general Sinel de Cordes declarou que não pretendia ser presidente do Ministério, mas apenas obedecer às indicações do exército. Nessa reunião, resolveu-se procurar, depois de tomadas as indispensáveis medidas militares, o general Gomes da Costa, e dizer-lhe qual a vontade da força pública.

Um episódio interessante

O *Diário de Lisboa* relata de maneira notável um episódio ocorrido no palácio de Belém. Permitimo-nos fazer uma transcrição:

«Na noite antecedente, ninguém dormira em Belém. De maneira que, ontem, tanto o general, como os seus ajudantes, estavam muito fatigados.

A's 4 horas da madrugada todos dormiam. A's 5 horas retinui a campainha do telefone presidencial. Alguém que não desempenha em Belém qualquer situação oficial, mas que se encontrava no palácio, foi atender.

«Era o capitão Franco, comandante da Policia, que pedia a ida ao telefone, dum dos ajudantes do general, para lhe comunicar que se preparava um golpe militar.

«Estão todos a dormir! Mas se queres, eu vou acordar qualquer deles...»

«Ah! Estão todos a dormir, e só eu é que estou acordado? Pois, então, boa noite! E desligou o telefone.

Mais tarde, alguém participou também para o palácio, que alguma coisa de anormal se passava.

Gomes da Costa visita os quartéis

O general Gomes da Costa, acompanhado de seus ajudantes e de elementos da confiança do governo, visitou vários quartéis de Lisboa. Estranhou que o regimento de Cavalaria 2 estivesse preparado para sair. Objectaram-lhe que obedeciam a ordens superiores. E como Gomes da Costa invocasse a sua qualidade de ministro da

Guerra, replicaram-lhe que só do comando da divisão o regimento recebia ordens.

O general soltou vivas à República que foram correspondidos. Gritou que se atraçoava a República, mas decidiu-se a ir a Queluz.

Entretanto, no Quartel General, havia assumido, provisoriamente, o comando da Divisão, o tenente coronel Bivar de Sousa, comandante de cavalaria 2. Uma força deste regimento, sob o comando do capitão Quadros, ocupava o edificio e as suas imediações.

Forças de infantaria 2 partiram a tomar conta do Governo Civil e os ministérios foram ocupados por infantaria 16. Ao mesmo tempo contingentes doutras unidades tomavam os pontos estratégicos da cidade, tendo artilharia 3 e cavalaria 2 ocupado Montes Claros, na Serra de Monsanto.

Cerco ao Palácio de Belem

A's 11 horas uma força de cavalaria 2, comandada pelos capitães Machado e Ribeiro e pelos tenentes Pereira Coutinho e Bessa Aragão, cercou o palácio de Belem.

Imediatamente, as senhoras da família do general arranjaram as suas malas, e seguiram pata casa, em automóveis da presidência.

O general Gomes da Costa recusara-se a aceitar a plataforma que lhe fora proposta e que era a seguinte: ficar na chefia

da divisão e o general Carmona, o sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia—O movimento de agora também triunfou sem luta

do governo, mas sem pasta, e formar o ministério que lhe indicassem os comandantes das unidades.

O general Carmona determinou, então que o sr. general Gomes da Costa fosse acompanhado até sua casa por um pelotão de guarda de cavalaria, que lhe faria a guarda de honra. E retirou-se, marcando para as 15 horas a primeira reunião do governo

saído do movimento, no ministério das Colónias.

Constituição do novo governo

Foi-nos enviada a seguinte nota officiosa: «O comando militar da 1.ª divisão do Exército, em entendimento com as forças

junto de Sacavém e Queluz, e da Marinha e Guarda Republicana, resolve nomear o seguinte ministério:

Presidência e Guerra—General Carmona. Finanças—General Sinel de Cordes. Interior—Dr. Ribeiro Castanho.

Justiça—Dr. Manuel Rodrigues. Colónias—Comandante João Belo. Estrangeiros—Dr. Bettencourt Rodrigues.

Marinha—Comandante Jaime Afreixo. Instrução—General Teixeira Botelho. Agricultura—General Alves Pedrosa. Comércio—Tenente-coronel Passos e Sousa.

Foi dado conhecimento deste governo a todas as unidades do país.

O governo foi constituído dentro da República, e propõe-se efectivar as aspirações nacionais.

A proclamação do novo governo

O governo tornou pública a nota abaixo, que nós reproduzimos por mero interesse de informação:

«O governo civil foi ocupado por 200 soldados e oficiais de infantaria 2. O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia. Tomaram-se em volta do governo

luta rigorosas medidas de prevenção.

«O governo, constituído por vontade do Exército e da Armada, numa hora delicada, de indecisão e de incerteza, que estava comprometendo o prestigio do Poder—saída as forças de Terra e Mar, e o Povo Republicano, afirmando solenemente o seu

verdadeiramente democrático, em que possamos livremente caber todos os portugueses, honrando e servindo dedicadamente a Pátria e concorrendo para o seu maior prestigio.»

Uma conferência sobre a reorganização dos serviços públicos

A Associação Comercial de Lisboa convidou o professor de finanças e dr. sr. José Eugénio Dias Ferreira para realizar, na sua sede, uma conferência de exposição

das bases da reorganização dos serviços públicos, em que há muito aquele professor vem trabalhando e que constitui uma das questões mais palpitantes do momento. Embora o dr. sr. Dias Ferreira acesse prontamente ao convite, a referida conferência só poderá efectuar-se na próxima semana, a fim de haver tempo para expedir convite e obter as necessárias autorizações para a sua realização.

Várias notícias

O governo civil foi ocupado por 200 soldados e oficiais de infantaria 2. O sr. Ferreira do Amaral reassumiu o comando da policia. Tomaram-se em volta do governo

luta rigorosas medidas de prevenção.

«O governo, constituído por vontade do Exército e da Armada, numa hora delicada, de indecisão e de incerteza, que estava comprometendo o prestigio do Poder—saída as forças de Terra e Mar, e o Povo Republicano, afirmando solenemente o seu

verdadeiramente democrático, em que possamos livremente caber todos os portugueses, honrando e servindo dedicadamente a Pátria e concorrendo para o seu maior prestigio.»

PELOS HOSPITAIS CIVIS

As garantias que a classe de enfermagem gosa, ao abrigo da actual organização dos serviços hospitalares, permitem-lhe uma existência de miséria e de fome

Deixámos ontem o leitor no limiar da Escola Profissional de Enfermagem, depois de o termos feito transitar pela sinuosa via dos antigos serviços de enfermagem. Conviém agora que lhe digamos qual a função pedagógica dessa escola e a sua utilidade para os alunos, para, subsequentemente, tirarmos a ilação conveniente do que de

veremos ser a situação do enfermeiro.

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no

período post-escolar e praticante no período escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$00, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos serviços dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnóstica, faz uma, incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de algumas dessas funções que têm feito 25 horas de trabalho seguido, sucedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais sucede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns dos enfermos e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas.

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata desses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dá motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que às vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida.

30 anos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas não julgue o leitor que o enfermeiro ao cabo dessa grande jornada vence a sua reforma por inteiro.

Não, senhor. Para efeitos de reforma toma-se por ponto de partida o ordenado-base.

De forma que há muitos enfermeiros com mais de 50 anos de bons serviços que se não reformam, porque não poderão viver com a miséria que lhe entregariam.

Se o leitor quiser alguns exemplos vá ao Banco do Hospital de São José e lá encontrará a insinuante figura do nosso José Bernardino, reliquia da classe de enfermagem, suba, depois, à enfermaria de São Sebastião do mesmo hospital e lá encontrará um velhinho que trabalha nos hospitais há cinquenta anos, e gague depois a cidade até ao hospital de Arroios e ali se lhes deparará um simpático ancião com 50 anos de serviço, que não se reforma porque lhe entregariam uma verba que não chegaria para mandar cantar um cego.

Em matéria de promoções há muito também a dizer. As promoções, pela Reforma Lobo Alves, às classes imediatamente superiores são feitas metade por antiguidade e metade por concurso de provas práticas

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no

período post-escolar e praticante no período escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$00, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos serviços dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnóstica, faz uma, incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de algumas dessas funções que têm feito 25 horas de trabalho seguido, sucedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais sucede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns dos enfermos e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas.

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata desses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dá motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que às vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida.

30 anos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas não julgue o leitor que o enfermeiro ao cabo dessa grande jornada vence a sua reforma por inteiro.

Não, senhor. Para efeitos de reforma toma-se por ponto de partida o ordenado-base.

De forma que há muitos enfermeiros com mais de 50 anos de bons serviços que se não reformam, porque não poderão viver com a miséria que lhe entregariam.

Se o leitor quiser alguns exemplos vá ao Banco do Hospital de São José e lá encontrará a insinuante figura do nosso José Bernardino, reliquia da classe de enfermagem, suba, depois, à enfermaria de São Sebastião do mesmo hospital e lá encontrará um velhinho que trabalha nos hospitais há cinquenta anos, e gague depois a cidade até ao hospital de Arroios e ali se lhes deparará um simpático ancião com 50 anos de serviço, que não se reforma porque lhe entregariam uma verba que não chegaria para mandar cantar um cego.

Em matéria de promoções há muito também a dizer. As promoções, pela Reforma Lobo Alves, às classes imediatamente superiores são feitas metade por antiguidade e metade por concurso de provas práticas

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no

período post-escolar e praticante no período escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$00, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos serviços dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnóstica, faz uma, incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de algumas dessas funções que têm feito 25 horas de trabalho seguido, sucedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais sucede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns dos enfermos e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas.

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata desses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dá motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que às vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida.

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no

período post-escolar e praticante no período escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$00, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos serviços dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnóstica, faz uma, incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de algumas dessas funções que têm feito 25 horas de trabalho seguido, sucedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais sucede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns dos enfermos e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas.

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata desses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dá motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que às vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida.

30 anos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas não julgue o leitor que o enfermeiro ao cabo dessa grande jornada vence a sua reforma por inteiro.

Não, senhor. Para efeitos de reforma toma-se por ponto de partida o ordenado-base.

De forma que há muitos enfermeiros com mais de 50 anos de bons serviços que se não reformam, porque não poderão viver com a miséria que lhe entregariam.

Se o leitor quiser alguns exemplos vá ao Banco do Hospital de São José e lá encontrará a insinuante figura do nosso José Bernardino, reliquia da classe de enfermagem, suba, depois, à enfermaria de São Sebastião do mesmo hospital e lá encontrará um velhinho que trabalha nos hospitais há cinquenta anos, e gague depois a cidade até ao hospital de Arroios e ali se lhes deparará um simpático ancião com 50 anos de serviço, que não se reforma porque lhe entregariam uma verba que não chegaria para mandar cantar um cego.

Em matéria de promoções há muito também a dizer. As promoções, pela Reforma Lobo Alves, às classes imediatamente superiores são feitas metade por antiguidade e metade por concurso de provas práticas

para a nomeação de empregados de enfermagem dos hospitais.

Saltando da escola para os hospitais vamos encontrar dentro destes o seguinte quadro: enfermeiro-chefe, enfermeiro sub-chefe, enfermeiro de 1.ª classe, enfermeiro de 2.ª classe, praticante no

período post-escolar e praticante no período escolar. Para cada uma destas categorias estão estabelecidos, respectivamente, os seguintes honorários: 601\$00, 641\$00, 601\$00, 565\$00, 512\$00 e 501\$00.

Da responsabilidade destes valiosos serviços dos hospitais não carecemos de falar. Basta saber-se, porém, que o enfermeiro é o funcionário hospitalar que mais directamente está em contacto com o doente.

O médico vai uma, duas, três e quatro vezes à enfermaria. Diagnóstica, faz uma, incisão se é mister e retira-se deixando a substituí-lo o enfermeiro. Se na ausência do médico o enfermo é achacado, é o pobre do enfermeiro que tem que combater o mal.

Para cumprir devidamente a sua missão, o enfermeiro trabalha horas sem conta. No Manicómio Miguel Bombarda sabemos nós de algumas dessas funções que têm feito 25 horas de trabalho seguido, sucedendo-lhe a este esforço uma folga de pouco mais de oito horas.

Nos outros hospitais sucede pouco mais ou menos a mesma coisa. O enfermeiro suporta a tirania de uma longa jornada de trabalho, tem que conformar-se com o pesado serviço que lhe é imposto, tem que resignar-se com as insolências de alguns dos enfermos e por fim tem que condescender com as impertinências de algumas visitas.

E tudo isto, como o leitor já verificou, por um ordenado exiguo, por um vencimento que insulta a alva bata desses humildes servidores.

De forma que esta situação, mau grado algumas consciências que se encontram pelos hospitais, dá motivo a que o enfermeiro aceite a esportula, que às vezes é um lenitivo à sua fome.

Não é só no capítulo vencimentos que o enfermeiro é lesado. Já tivemos ocasião de falar sobre a reforma que lhe é concedida.

30 anos de serviço e 60 de idade dão direito à aposentação. Mas

A nova lei de imprensa

A Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal, em organização, aprecia e protesta contra ela

COIMBRA, 7.—Hoje, pelas 21,30 horas, reuniram-se na sede da *Gazeta de Coimbra* por ser o jornal mais antigo—os jornalistas dos periódicos desta cidade e os correspondentes dos diários das capitais, para tratar da criação da sua Associação.

Estavam representados os jornais locais: *A Gazeta de Coimbra*, *O Despertar*, *Maré*, *O Melor* e *Vida Nova* e os seguintes diários: *A Batalha*, *Diário de Notícias*, *O Sêculo*, *A Capital*, *Voz Pública*, *A Revolução Nacional*, *A Noite*, *Jornal de Notícias* e *Primeiro de Janeiro*.

Todos concordaram com a iniciativa. Após alguma discussão, assentou-se no seguinte título a dar ao organismo recém-criado: «Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal».

Resolveu-se que a comissão organizadora desta associação ficasse constituída pelos correspondentes dos diários das capitais nesta cidade e pelos delegados de todos os jornais da região do Centro de Portugal, que enviem a esta comissão a sua adesão.

O primeiro trabalho da comissão organizadora foi a elaboração duma nota oficial dando ao público, através da imprensa, conhecimento da constituição em Coimbra, da Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal.

Fixou-se para o próximo dia 14, às 21,30 horas, a segunda reunião da comissão organizadora, na redacção da *Gazeta de Coimbra* que o seu representante amavelmente ofereceu para sede provisória da referida comissão.

A Associação dos Jornalistas e Escritores do Centro de Portugal (em organização) entrou na apreciação da Lei de Imprensa.

Considera-a cerceadora das justas regalias que os jornalistas até hoje usufruíram. Unanimemente, todos os presentes manifestaram a sua revolta contra a lei recentemente promulgada.

A Associação resolve dar todo o seu apoio às resoluções tomadas pelos jornalistas da capital, por intermédio dos seus organismos, quanto à lei da Imprensa e aproveita o ensejo para protestar em especial, contra a situação vexatória que à imprensa de Coimbra é criada pelo art.º 31 da lei referida.

Entre os correspondentes dos diários ali representados é deliberado por acordo unânime enviar cada um deles, telegraficamente, para o jornal que representa, notícia das resoluções aqui tomadas.

Por extraordinários motivos impeditivos nós, correspondente de «A Batalha», não pudemos cumprir aquela resolução.

Só hoje, por isso, damos notícia do que nessa reunião se passou.

«A Batalha», como porta-voz da organização operária de todos os que utilizam o trabalho e são alvo da exploração e da tirania desta sociedade, não cala o seu regozijo pela atitude dignificadora dos jornalistas de Coimbra, criando a sua Associação, e por intermédio dela, protestando activamente contra o aborto infeliz parido pela cerebrição tacañha do sr. Manuel Rodrigues Junior numa hora má.

Que a Associação agora fundada conquiste para todos os jornalistas de Coimbra as justas e amplas regalias a que têm incontestável direito todos os que útilmente manejam a sua pena, posto ao serviço da causa sobre o Progresso!

MÚSICA

Academia de Amadores de Música

No salão desta Academia realiza-se hoje, às 21 e meia horas, um concerto extraordinário, promovido por uma comissão de alunos, com o seguinte interessante programa:

1.ª parte: 1.ª, «Trio em dó menor», alegre com brio, andante com variações, minueto (quasi allegro), final (prestissimo), violino, violoncelo e piano pelos professores D. Maria da Luz Antunes; D. Maria Beatriz Soares e Manuel dos Santos—Beethoven; 2.ª, «Gouttes de roses»—Godefridi; «Valse de concert», harpa, solo, pela professora sr.ª D. Cecília Borja, Hasselmans; 3.ª, (a) «Andante», (b) «Minuetto», violino e piano pelo sr. António Castro Rodrigues e professora sr.ª D. Cecília Borja—Franz Ries; 4.ª, (a) «O do mio dolce ardore», canto e piano—C. Gluck; (b) «Still wie die nacht», canto, violino e piano pelas sr.ªs D. Berta Borges, D. Mariana do Souto Pimentel e D. Beatriz Soares—Carl Bohm.

2.ª parte: 1.ª, (a) «Gazouillement du printemps»—Sinding; (b) «Ballade en lá be-mol», piano, solo, pela sr.ª D. Maria Inês Lopes de Andrade—Chopin; 2.ª, (a) «Cajita de musica»—A. Romeo; (b) «Minuetto», banda e piano pelo sr. Tomás Constant e professora sr.ª D. Cecília Borja—Beethoven; 3.ª, (a) «Au bord de l'eau»—G. Fauré; (b) «Reve», canto e piano pelas sr.ªs D. Berta Borges e D. Maria Beatriz Soares—R. Wagner; 4.ª, (a) «Andante», (b) «Tarentela», violoncelo e piano pelas sr.ªs D. Irene Diniz e D. Sofia de Brito Freire Saldanha—D. Popper; 4.ª, (a) «Sarabande», (b) «Gavotte» para instrumentos de arco, executadas pelos alunos da Academia sob a regência do professor sr. Ivo da Cunha e Silva—Grieg.

CRONICA DO PORTO

As operações militares da nova vereação da Câmara Municipal

PORTO, 9.—Presentemente, os raios visuais da população portuense incidem sobre as operações militares que se estão efectuando na Câmara Municipal do Porto. As manobras vão ser atentamente vigiadas pelo vulgacho, o qual, na sua rítmica filosofia, entende que para se conhecer quem são os melhores timoneiros, os melhores guilhões, não há nada como colocá-los à frente da carruola municipal.

O câmbio da lógica, dependência na corrente militar, está sendo bamiado no espaço das experiências. É por isso que todos os olhos se fixam nas incógnitas e vindas do vaso da ciência administrativa-militar que vai estudar todas as leis e todas regras do bom funcionamento municipal.

O público, atendendo às afirmações no acto da posse, não espera da actual edilidade militarista qualquer trabalho de vulto que reforme a cidade de *fund-en-comble*. A vereação vai, sobre todas as coisas, investigar, sondar, inquirir, vasculhar, ver, de *visu*, se a Câmara tem gasto como entidade rica ou como entidade pobre, saber em que tem aplicado os dinheiros arrancados às parcas economias dos municipais.

Destarte, a comissão administrativa militar que se apoderou do município pela força dum decreto do general Gomes da Costa, tem mais funções de polícia de investigação, do que de técnica municipalista. É por isso que vai procurar no orçamento da Câmara as razões, e suas justificações, das grandes verbas—tanto pelo seu pessoal e material, como até pelo seu laço animal.

Os militares do município não querem—garantiram-nos firmemente—perquirir nem vexar ninguém. Mas depois de *corlar* o que fôr preciso, visto que sendo «homens de guerra», vão construir ali o que *acola* destruíram—apresentarão ao público um bem elaborado relatório, relatando tudo tim-por-tim-tim.

E é por esse relatório circunstanciado que todos esperam ansiosamente—como esperam, atendendo aos cofres municipais estarem verdadeiramente exaustos, saneados de notas do Banco de Portugal para estarem arrejados com bilhetes de prego, a paralisação completa de todas as obras camarárias... E' o aumento da *chômage*—é o prolongamento da miséria... como medida de salvação imposta pela *revolução nacional*.

É verdade que nos dão uma esperança de que, apresentado o relatório, onde provavelmente *poderá ainda haver defeito*, terão de *recorrer ao imposto ou ao empréstimo* para uma obra digna da cidade, mas depois de provarem que não gastaram um único vintém mal gasto.

Tal qual pensava a vereação civil expulsa, cuja transmissão de pensamento foi reflectir-se na vereação militar.

O povo cidadão, que está com os seus olhos convergentes para a secção militar da nova Câmara em edifício velho, lá está à espera, como sempre, do empréstimo e do imposto, que é processo velho infiltrado na administração nova... da edilidade marcial.

Contudo, os municípios em geral reconhecem que os militares que agora estão à frente da cidade, não tiveram nenhum interesse em apossar-se da *Domas municipales*. Andaram com a lanterna filosófica de Diógenes, à procura de «um grupo de civis, honestos, competentes, de unidade moral e de republicanismo que servisse para a direcção municipal».

Mas como estabeleceram o vácuo à volta da situação, nada conseguiram, tendo eles de fazerem o sacrifício patriótico, tanto mais glorioso e brilhante, quanto mais árdua for a vitória das operações militares...

Se em vez da lâmpada de Diógenes, tivessem empunhado a lâmpada maravilhosa do Aladino das *Mil-e-uma noites*, teriam conseguido tudo que desejavam...

Embora a massa anónima do povo desconfie um pouco das constelações medallhais e de tantas espadas da ordem marcial, espera, contudo, na promessa militar tão rasadamente feita: *entrancheirada no esteto da própria liberdade*—como o general da divisão chamou à Câmara—a vereação militar será o melhor penhor das franquias populares.

«Escusam os espíritos liberais e republicanos de se amedrontarem, porque a liberdade não será perseguida...» conquanto vivamos em pleno regime de ditadura e de perseguições à imprensa livre...

Mas isto pertence à ciência das cousas paradoxais...

A mão de obra em França

PARIS, 9.—A câmara dos deputados aprovou o projecto de lei regulamentando o emprego da mão de obras estrangeira em França.—(L.)

As religiões refreiam os instintos...

CALCUTÁ, 9.—Um contingente de 100 homens, do exército, e uma força de polícia, devidamente armada, partiram para a aldeia de Pabna, a 200 milhas de Calcutá, a fim de restabelecer a ordem perturbada pela luta entre índios que adoram ídolos diferentes.

Nos tumultos têm também tomado parte os macaetanos, vendo-se a polícia na necessidade de fazer uso das armas.

Desconhece-se o número de mortos e de feridos.—(L.)

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia. Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal.

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Retozeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Peniche

Selvagerias da «briosa»

PENICHE, 6.—Produziu-se, nesta localidade, um gesto da *briosa* que provou, e justamente, indignados comentários da população.

Há dias, em Peniche de cima, fizeram as raparigas uma fogueira, como é de hábito nos folguedos populares desta quadra do ano.

A certa altura apareceram três guardas republicanos, em estado de embriaguez, que sem motivo algum, intimaram provocantemente toda a gente a retirar-se.

Depois de toda a gente, por prudência, se ter retirado, os guardas republicanos romperam à coronhada à porta dos estabelecimentos, intimando os seus proprietários a abri-los para lhe venderem tabaco. Um indivíduo de nome José Sapateiro declarou aos guardas que só havia tabaco à venda no depósito. Os guardas então mandaram-no seguir em direcção ao depósito. O José Sapateiro, a certa altura, recuando que o matassem, gritou por socorro acudindo alguns populares que conseguiram com grande esforço libertá-lo.

Foi menos feliz um pobre homem chamado Joaquim Rodrigues Azenha que quando recolhia a casa foi assaltado pelos três guardas que o intimaram a dar-lhe tabaco. Como se dissesse—o que era verdade—que não o tinha, um dos guardas deu-lhe uma coronhada no peito: que o prostrou por terra. Aos gritos do pobre velho acudiu o camareiro Florido de Almeida que observou aos guardas que era uma crueldade sem nome o que tinham praticado. Um dos guardas colocou-lhe, logo, por resposta, o cano da espingarda a um dos ouvidos intimando-o a calar-se, sob pena de perder a vida.

O Joaquim Azenha aproveitou o momento para fugir mas pouco se pôde distanciar, visto ter tombado no solo, por falta de forças. Foi o que o poupo de ter sido atingido pelos tiros que sobre ele os guardas fizeram. Os guardas depois, num grande intuito de ferocidade ergueram-no, encostando-o à parede para o agredirem com requintada ferocidade.

Anda amecaram de morte o sr. Ramiro Bulha. Passada a sua embriaguez foram a casa do dr. sr. João Frazão, chefe do partido democrático, a fim de lhe pedirem que os salvasse, declarando que os ferimentos do Azenha eram insignificantes, que este de boa vontade se prestou. Porém, o juiz de paz poz o caso em pratos limpos.

Estes três guardas foram em tempos corridos da Nazaré por terem cometido inâmias do quilate destas que relatamos.

Fuzeta

Manobras dum taberneiro

Uns que saem, outros que entram. Desta vez entrou, ao que parece, nos subúrbios deste rincão, um homem que pretende fazer algo em proveito da população concelelia.

E uma das suas primeiras ordens, essa justiça lhe fazemos, foi determinar que rigorosamente fossem cumpridas as leis do descanso semanal e horário de trabalho, com o encerramento obrigatório.

Essa medida é justa, é o cumprimento dum lei.

Sabemos que por toda a parte esta ordem foi cumprida, à excepção desta terra, que parece não pertence ao conceito.

Foi a culpa do sr. administrador? Não. A ordem foi igual para todo o conceito. Se há desleixo, inércia, ou má vontade, é por parte das autoridades locais.

Chegou-se ontem ao máximo.

Um taberneiro, com foros de pessoa acreditada—talvez em velhacaria—iludindo a lei, usou dum processo só próprio de quem pratica: apagou as luzes do seu estabelecimento, depois da hora regulamentar e deixou as portas abertas, continuando no uso do seu comércio, servindo deste modo os seus interesses e iludindo os pacóvios.

Saboia

O ano agrícola

SABOIA, 7.—As colheitas este ano são muito fracas.

Em São Teotónio, que pertence a este conceito, atravessa-se um período de fome. Os negociantes desta aldeia têm farinha, mas só para trocar por trigo. E como a população o não tem e os lavradores o não vendem, a fome assaltou muitos lares.

Uma situação verdadeiramente insustentável. Os que a suportam, não se queixam, nem se revoltam e os que podiam tomar providências encolhem os ombros com indiferença visto que, de coisas mínimas, não cura o pretor...

Cascais

Desumamidade dum cabo de mar

CASCAIS, 7.—O que vamos relatar aos nossos leitores, prova bem a nenhuma noção de humanidade que certas criaturas têm para com os seus semelhantes.

Há dias, por volta das 5 horas da manhã, no local denominado «Ilheu dos Chacais», notou-se um homem pedia socorro, pois estava na eminência de uma onda mais alta e arrebatar. Tentou sózinho salvá-lo, mas viu a impossibilidade e correu ao telefone, pedindo socorro à Capitania, sem que de lá lhe respondessem. Não deseperou, e resolveu sem perda de tempo vir a Cascais, pedir providências ao cabo de mar José Martins, que num encolher de ombros, lhe disse que chamasse um bombeiro. Então, o fariolero, com as esperanças perdidas de salvar o homem, corre a avisar-se com o 2.º patrão José Romão da Costa, que vai imediatamente avisar-se com o sr. comandante dos bombeiros, que o autoriza a levar uma boia de salvação e competente espia. Saltam então para dentro dum automóvel, acompanhados pelo operário da Câmara Alfredo Martins Pereira, que se ofereceu para auxiliar, e pouco depois chegavam ao local. Não tem um minuto de decisão, Martins Pereira e o fariolero Fernando Cornélio, lançando-se à água, com risco da própria vida, pois nessa ocasião o mar estava bastante agitado, conseguem salvar o homem, que estava exausto, e que se lá ficasse uns minutos, teria perecido. Depois de reanimado, declarou chamar-se José Baptista da Silva e morar na Travessa dos Moínhos à Ajuda, em Lisboa.

São dignos do maior elogio, estes quatro trabalhadores pelo seu gesto que muito os dignifica.

Nazaré

Nova carreira de camionete

NAZARÉ, 7.—Vai ser inaugurada pelo sr. Joaquim Marques, no próximo dia 15, uma carreira de «camionete» para a Praia das Maças, o que vai servir vantajosamente as pessoas que veraneiam nestas localidades. «A camionete» é deveras comoda, de bancos estofados e iluminada a electricidade. Esta carreira far-se-á entre a estação de Ceta e a Praia de Nazaré, com ligação a todos os comboios de passageiros que passem nesta linha, quer de dia, quer de noite, encarregando-se também do transporte de bagagens ao domicílio no percurso da sua carreira.—C.

Caldas da Rainha

Os dramas de alcool

CALDAS DA RAINHA, 7.—José Vinagre, orives ambulante, bastante conhecido nesta vila onde era tido como pessoa muito séria, começou, há mais dum ano, vivendo uma vida desregrada, frequentando tabernas e despresando seu negócio.

Anteontem, perto das 22 horas, entrou na taberna António Bernardino, viúvo, de 52 anos, e, depois de bebericar uns copos de vinho parece que deu uma nota de 5 escudos e exigiu troco dum de 10. Como o taberneiro a isso se recusasse o Vinagre, após uma azeda discussão, puchou dum pistola, disparando... O taberneiro foi atingido, tendo-se uma das balas alojado no ventre.

O orives foi pouco depois capturado pela G. N. R. seguindo para o Porto.

O António Bernardino seguiu para Lisboa de comboio, tendo, porém, falecido. Deixa quatro filhos menores.—C.

O que vai por Macau

A Imprensa Nacional

Já mais duma vez, falando deste assunto, nos dirigimos ao sr. ministro das Colónias.

E hoje, nosso intento conversar um pouco com o governador de Macau, Maia Magalhães.

Sr. Maia Magalhães: Quando é que acaba essa pouca vergonha da não nomeação de diretor da Imprensa Nacional dessa colónia?

V. ex.ª julga que todos são parvos?

Veja se arranja outra desculpa qualquer para não proceder à nomeação do diretor da Imprensa. Olhe que as que dava já não pegam.

Antes era v. ex.ª que andava a querer fazer do público parvos. Agora é o público que tem direito de se ir de v. ex.ª como do maior parvo, de o desprezar como o maior intrujão que não sabe intrujar, de o odiar como o maior cínico que afecta sentimentos de ternura.

Então qual é a última razão, que v. ex.ª apresenton, para não proceder à nomeação do diretor da Imprensa?

E' andar v. ex.ª (lembre-se bem, foi v. ex.ª que o disse, estamos disso bem informados por quatro vias diferentes), é andar v. ex.ª estudando uma remodelação de todos os serviços públicos da colónia de Macau. Como dessa remodelação podia resultar que acabassem certos lugares e certos serviços do Estado, com o fim de diminuir as despesas do mesmo, não queira v. ex.ª, fazendo qualquer nomeação electiva, que o Estado viesse agora a contrair novas obrigações para com os seus funcionários, que, depois de feita a tal remodelação, se viria a ver que eram escusadas e, portanto, injustificavelmente onerosas para o cofre da colónia.

Que coisas tão bonitas, sr. governador, para entusiasmar uma criança, que de repente se julgou capaz de intrujar meio mundo!

Mas a nós não nos intrujou v. ex.ª. Quando v. ex.ª apresenton tal *patridática* ideia, nós escrevemos neste jornal que tudo isso não passava de pretextos cínicos. Sabíamos e sabemos muito bem que, a fazer-se qualquer remodelação, se devia começar por abolir o lugar de governador da colónia, pelo menos enquanto o houvesse de desempenhar v. ex.ª, sr. Maia Magalhães. V. ex.ª não faz falta ali como governador.

Pode muito bem ir-se embora deixando em seu lugar, no palácio do governo, um boneco, a que o polícia mouro do mesmo palácio todos os dias dá a precisa corda.

E assim poupará para os cofres da Colónia alguma coisa: cento e noventa e dois contos por ano, pouco mais ou menos.

Mas vamos aos factos, aos factos mais importantes dos últimos meses do... *bonecado* de D. Maia Magalhães. Acabamos de os ler no ministério das Colónias, no «Boletim Oficial» de Macau de 22 de Maio p. p. Constam esses factos de 4 portarias, n.ºs 85, 86, 87, 88, pelas quais são feitas quatro nomeações definitivas no quadro privativo de Fazenda daquela colónia.

1.ª portaria nomeou 2.º oficial o sr. José da Conceição Ernesto Palmeira de Carvalho e Régio.

2.ª nomeou 3.º oficial o sr. Firmino Augusto Gracias.

3.ª nomeou 1.º aspirante o sr. Augusto Jorge.

4.ª nomeou 2.º aspirante o sr. João Henriques de Almeida Madeira de Carvalho.

Sr. Governador de Macau, o que v. ex.ª devia fazer, para não merecer as nossas investivas e a nossa completa reprovação, era não fazer nenhuma nomeação definitiva, até se ter levado a efeito a tal remodelação de serviços, em que v. ex.ª disse pensar.

Também a vaga de director da Imprensa Nacional está esperando por tal remodelação para ser preenchida, não é verdade?

Saio Tayat

INSTRUÇÃO

Na Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio termina, no próximo dia 15, o prazo para a entrega dos requerimentos e documentos para o exame de admissão. No átrio da escola estão patentes as minutas e formalidades a seguir.

Ocorrências diversas

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, deu entrada em estado grave António José de Araújo, de 15 anos, filho de Francisco José de Araújo e de Maria da Costa Araújo, natural de Viana do Castelo, marçano, residente em S. João do Estoril, e que ao apagar-se, ontem de manhã, do comboio no Cais do Sodré, fê-lo com este em andamento resultando ser colhido pelo rodado de uma das carruagens e ficar com ambas as pernas esfaceladas.

Ontem, de manhã, deu-se no Rocio, à esquina da rua do Ouro, um choque de dois automóveis, ficando ferido o passageiro de um deles, Henrique Ferraz, de 22 anos, natural de Lisboa, caldeireiro, largo de Santa Marinha, 25, loja, o qual recebeu curativo no Banco do Hospital de S. José, de um pequeno ferimento no joelho esquerdo, seguindo depois para casa.

No Banco do Hospital de S. José foram pensados e recolheram a casa, Armando da Silva Esteves, de 9 anos, Avenida Sacadura Cabral, pátio do Vilar, 7, que foi atropelado por um automóvel, na mesma Avenida, ficando ferido na cabeça, e José Lourenço de Carvalho, de 34 anos, natural de Castelo Branco, guarda-livros, rua Fernandes da Fonseca, 12, 2.ª, que na rua de S. Pedro de Alcântara, foi atropelado por um eléctrico, ficando com fratura da clavícula direita.

No Posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foram pensados e seguiram para casa: Francisco José Miranda, de 42 anos, carroceiro, travessa do Cabo, 7, 1.º dt.º, que, na rua Augusta foi atropelado por um eléctrico, ficando com várias contusões pelo corpo e ferido no rosto; e António Dias Amado, farmacêutico, natural de Portimão, rua 4 de Infancia, n.º 8, que, na rua do Ouro, foi atropelado por um automóvel, ficando ferido no rosto.

O chefe de polícia, Alexandre Alves, que a noite passada foi vítima de um desastre, de motocicleta, na avenida da República, foi ontem transferido para a sala de observações do banco do hospital de S. José para a enfermaria de São Francisco, sendo satisfatório o seu estado.

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado, dando depois entrada na enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, Manuel Jorge, de 38 anos, natural de Alemquer, fogueiro e residente na travessa das Parreiras, 42, loja, e que, no Ginjal, caiu da muralha ao rio, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria Lourenço da Luz, do hospital de S. José, deu entrada Madalena dos Santos Silva, de 63 anos, natural de Lisboa e residente na rua de Santana à Lapa, 68, 3.ª, que caiu na ponte do Barreiro, ficando contusa pelas pernas e ventre.

A' sala de observações do banco do hospital de S. José recolheu António Marques Loto, de 26 anos, natural de Nelas, bombeiro municipal n.º 342 e que, ao fazer uma descida no esqueleto do quartel n.º 1 (Avenida Wilson) ao entrar na janela do 1.º andar se feriu bastante no baixo ventre, no pé de uma escada de «ganchos».

Na sala de observações do banco do hospital de S. José faleceu, a madrugada passada, Armando Alves Figueira, de 5 anos, que, como noticiamos ontem, caiu à rua, da janela da residência, rua Domingos Sequeira, L. S. M., 2.º. O cadáver foi removido para a casa mortuária do mesmo hospital.

Asilo Escola António Feliciano de Castilho

Efectua-se amanhã, no salão do Asilo Escola António Feliciano de Castilho, uma festa com programa organizado a capricho, devendo ser uma tarde de boa arte. A sr.ª D. Emília de Sousa Costa pronunciará uma conferência de carácter educativo e moral. Os bilhetes poderão ser, ainda hoje, adquiridos na secretaria do Asilo, ou marcados pelo telefone Norte 612, até às 14 horas de amanhã. Os profissionais da imprensa, portadores da sua carteira, têm entrada franca.

OS QUE MORREM

José da Silva

Vitimado pela terrível tuberculose, finou-se na passada quinta-feira, em plena mocidade, José da Silva, operário soldador da Vacuum Oil Company, filho de Firmino da Silva, operário da *Shell* e irmão de António da Silva, operário da fundição da Companhia União Fabril. O funeral realiza-se hoje, saindo do Hospital do Régo, às 14 horas, para o cemitério da Ajuda.

As dividas insolúveis

PARIS, 9.—Os jornais afirmam estar concluído o acordo anglo-francês sobre as dividas de guerra, e que o sr. Caillaux poucas horas necessitará dispendir em Londres.—(L.)

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Honra e Glória.—Realizam-se hoje, na sede deste grupo, em Cacilhas, as festas comemorativas do seu quarto aniversário.

Grupo Dramático Solidariedade Proletária.—Acaba-se de constituir, no Alto do Pina, um grupo dramático que recebe aquela denominação e tendo a sua sede na rua Barão de Sabrosa, 81, 1.ª. Este grupo foi fundado especialmente para a realização de festas em favor da organização operária e seus aderentes. Toda a correspondência deve ser dirigida a Júlio de Carvalho, sede do grupo.

Reine-se hoje, pelas 21 horas, a direcção, a fim de tomar posse.

Concettação Musical 24 de Agosto.—Hoje, baile, abrilhantado a dueto.

Recreio Operário.—Hoje, às 21,30, recita dedicada aos sócios, seguida de baile.

Grupo musical «Os Bichinhos».—Realizam-se amanhã, na Academia Recreativa Nacional, as grandiosas festas organizadas pelo Grupo Musical «Os Bichinhos», na rua de São Bento, 458.

Principiãl pelas 14 horas, por um sarau à francesa. A' noite, concerto pelo grupo festejado e representase a engraçada comédia em 3 actos, «O padrinho»; depois, baile até as duas da madrugada.

Novo «stand» automobilístico

Inaugura-se hoje, pelas 15 horas, com a assistência do ministro da Itália, imprensa e convidados, o «stand» de automóveis O. M., que fica instalado na rua do Jardim do Regedor, 57.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Apolo

A inauguração da época de verão deste popular teatro deve realizar-se depois de amanhã

MARCO POSTAL
Souzel.—Manuel António da Venda.—
Recebemos vale de 28\$50. Assinatura paga
até 31 do corrente.
Albernão.—Sociedade Cooperativa
Albernoense.—Recebemos 9\$50 que pagou
a assinatura do corrente.
Portimão.—A. Serio.—Recebemos
300\$00.

AGENDA
CALENDARIO DE JULHO

| | | | | | |
|----|---|----|----|----|--------------------|
| T. | 6 | 13 | 20 | 27 | HOJE O SOL |
| Q. | 1 | 8 | 15 | 22 | Aparece às 5,20 |
| S. | 2 | 9 | 16 | 23 | Desaparece às 20,3 |
| S. | 3 | 10 | 17 | 24 | FASES DA LUA |
| D. | 4 | 11 | 18 | 25 | Q. M. dia 2 a 18,2 |
| S. | 5 | 12 | 19 | 26 | L. N. " 9 a 23,5 |
| | | | | | L. C. " 18 a 25,5 |
| | | | | | L. C. " 25 a 26,5 |

CAMBÍOS

| Países | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | | 94\$75 |
| Madrid cheque | | 3512 |
| Paris, cheque | | \$52 |
| Suiza, cheque | | 3\$75 |
| Bruxelas cheque | | \$50 |
| New-York, cheque | | 19\$55 |
| Amsterdão | | 7\$85 |
| Itália, cheque | | \$66 |
| Brasil, cheque | | \$315 |
| Praga, cheque | | \$58 |
| Suécia, cheque | | \$524 |
| Austria, cheque | | \$277 |
| Berlim, cheque | | \$466 |

ESPECTÁCULOS

Teatros
Trindade.—A's 21,30.—O Patriota.
Pellencia.—A's 21,30.—O Leão da Estrela.
Trenino.—A's 21,30.—O Dr. da Mula Rapa.
Martin Vitoria.—A's 21 e às 22,30.—O Az de Es.
Variedades—A's 21,30 e às 22,30.—O Pó de Arroz
Soy Toi.—A's 21.—Variedades.
Cinema 4 illicente (4 Graças)—Especiais às 3,30
e às 8,30 e domingos com ematines.
Ternida Parque.—Todas as noites. Concertos: di-
versos.
CINEMAS
Tivoli.—Olympia.—Coral.—Gonges.—Chiado Ter-
reno.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança
—Lortiose.—Clue Paris.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Nar-
cio—A's 5 horas.
Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vitor—4 horas.
Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.
Pele e sífilis.—Dr. Correia Pigueiredo—11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff—
2 horas.
Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira—
4 horas.
Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—3 ho-
ras.
Doenças das mulheres.—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mano—12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X.—Dr. Azeite Salomão—4 horas.
Análises.—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

Policlinica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.
TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves.—Boca e dentes, às
13 horas.
Dr. António Monteiro.—Clínica geral,
senhores e crianças, às 11 horas.
Dr. Lourenço Raimundo.—Rins e vias
urinárias, às 13 h 12.
Dr. António Fernandes.—Medicina geral e
doenças nervosas, às 15 h 12.
Dr. João Saraiva.—Doenças dos olhos,
às 15 h 12.
Dr. João de Moraes Sarmiento.—Gineco-
logia e operações, às 16 h.
Dr. Raimundo Saavedra.—Pele, sífilis e pul-
mões, às 17 h.
Dr. Tavares do Couto.—Garganta, nariz
e ouvidos, às 15 h 12.
Análises clínicas, electroterapia,
maçagem e ginástica médica

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio
de 1910 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio de 1910. O
horário de trabalho, sendo o seu preço actual de \$50.
Aos assinantes que desejarem adquirir quantidade
far-se-á um abatimento de 50 p. cento em pa-
quetes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A BATALHA

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se
encontra à venda na nossa administração, é o
relato histórico, documentadissimo e detalhado
das lutas originadas pela desigualdade social
que, sob formas diversas e variados sistemas,
perdura desde os primeiros alvares da civiliza-
ção.

Cada fasciculo de 48 páginas, 1800; pelo cor-
reio, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

- 1.ª—La era de la esclavitud;
- 2.ª—La rebelión de Espartaco;
- 3.ª—Abolición de la esclavitud;
- 4.ª—Abección y Servidumbre;
- 5.ª—La revolución de los siervos;
- 6.ª—La miseria de los agricultores;
- 7.ª—Transformación del Poder Feudal;
- 8.ª—El comunismo cristiano;
- 9.ª—Los miserables en la Edad Média;
- 10.ª—La libertad ilusoria;
- 11.ª—La agonia del absolutismo;
- 12.ª—El trabajo motor universal;
- 13.ª—El imperio de la guilhotina;
- 14.ª—Las ideas sociales y la revolución fran-
cesa.

Edições de «A Sementeira»

- Práticas neo-maltusianas.....\$50
- O sentido em que somos anarquistas.....\$30
- A peste religiosa.....\$40
- A Liberdade.....\$50
- A Internacional (música e letra).....\$30

Pedidos à A BATALHA
ou no Cais do Sodré, 82

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua industria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
zas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drés, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:
Calçada do Combro, 30-A, 2.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

Plantas, livro util às boas donas de
casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.
Pedidos à administração de A Batalha.

LA NOVELA SOCIAL LA LOCA VIDA

É o titulo do n.º 10 da interessante colec-
ção de novelas que se publicam em lingua
espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*,
encontrando-se à venda na nossa
administração ao preço de \$50. Pelo cor-
reio \$70.

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

E' bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:

RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º

Telefone 207 C.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxi «Citroën» (palhinha ama-
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5523

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carreira, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao publico:

Praça José Fontana, N.ºs 11 e 12-A

Avenida Casal Ribeiro, N.ºs 45 e 47

LISBOA

Telefone 5.347 N.



A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profu-
samente ilustrado desde as primeiras
idades do homem até a revolução
Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10
tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Motocicletas SUN; B S A. Bicycletas SUN; B S A.

Accessórios—Contadores pa-
ra água—Gramofones—Discos
—Artigos de futebol—Bicycletas «Onix»
com pneus, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 23—LISBOA

Caminhões de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PÚBLICO

Venda em leilão de dois vagões de lenha de azinha

Faz-se publico que no dia 14 do corrente
pelos 12 horas e na estação da Moita pro-
ceder-se-há à venda em hasta pública de
harmonia com os regulamentos, de dois
vagões de lenha de azinha com o peso de
22.660 quilogramas, remessas de P. V. n.ºs
7362 e 7363 de Alvaro à Moita.

A arrematação será feita a quem maior
lance oferecer sobre a base de licitação de
1.500\$00.

Barreiro, 6 de Julho de 1926.—Pelo en-
genheiro chefe do serviço do movimento
de tráfego e reclamações.—a) Clemente da
Silva.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN- CIA E ENSINO

Abet Botelho—Amanhã.....16\$00

Alexandre Herouano.....20\$00

Lendas e Narrativas (2 volumes).....20\$00

Cartas (2 volumes).....20\$00

Adolfo Lima.....10\$00

Contrato do Trabalho.....10\$00

Educação e ensino.....5\$00

Aquillino Ribeiro.....3\$00

Anatole France.....10\$00

Estrada de São Tiago.....10\$00

Das Tormentas.....10\$00

Via Sinuosa.....10\$00

As Filhas da Babilónia.....10\$00

Angosto de Sousa.—Fólias perdidas
(Fados).....10\$00

Bento Faria.—Missa nova (teatro em
verso).....1\$00

Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....5\$00

Charles Darwin.—Origem das espe-
cies.....14\$00

Campes Lima.....12\$00

O Estado e a evolução do Direito.....5\$00

O Amor e a Vida.....2\$00

Ceas dos Pobres.....6\$00

A Revolução em Portugal.....12\$00

Buckner.—O homem segundo a
ciência.....12\$00

Duarte Lopes.....5\$00

Frei Sangué.....18\$00

Êga de Queiroz.....16\$00

O crime do Padre Amaro.....8\$00

O primo Basílio.....28\$00

O Mandarim.....15\$00

A Cidade e as Serras.....9\$00

Frade Mendes.....9\$00

Casa Ramires.....9\$00

Prosas Bárbaras.....9\$00

Ecos de Paris.....9\$00

Cartas Familiares.....9\$00

Cartas de Inglaterra.....9\$00

Minas de Salomão.....9\$00

Notas Contemporâneas.....15\$00

Últimas páginas.....15\$00

Ernesto Haecel.....20\$00

História da Criação.....5\$00

Origem do Homem.....14\$00

Os enigmas do Universo.....4\$00

Monismo.....4\$00

Religião e evolução.....4\$00

Iniciação filosófica.....5\$00

Iniciação literária.....10\$00

Faria de Vasconcelos.....5\$00

Problemas escolares.....5\$00

Por terras de além mar.....2\$50

 Sangue Negro.....8\$70 | Sendas de Lirismo e de Amor..... || F. Castro e E. Farias.—A Boca da Es- tinge.....8\$00 | Flammarion..... |
| Iniciação astronómica.....6\$00 | Contos de luar.....5\$00 |
| Como acabar o mundo?.....7\$00 | Os habitantes dos outros mundos.....4\$00 |
| Felix le Dantec.—As influências au- teístrais.....10\$00 | Ateísmo.....6\$00 |
| Falho de Almeida.....10\$00 | Estâncias de Arte e Saúde.....9\$00 |
| Figuras de destaque.....9\$00 | Actores e Autores.....9\$00 |
| Contos.....9\$00 | A Esquina.....9\$00 |
| Aves Migradoras.....9\$00 | Barbear, Pentear.....9\$00 |
| Cidade do Vicio.....9\$00 | Paquinadas.....10\$00 |
| Pais das Uvas.....9\$00 | Saibam quantos.....9\$00 |
| Vida errante.....9\$00 | Vida irónica.....9\$00 |
| Guerra Junqueira.....10\$00 | A morte de D. João.....9\$00 |
| Musa em férias.....9\$00 | Os Simples.....7\$00 |
| A velhice do Padre Eterno (Edu- cação de luxo).....14\$00 | Brochado.....10\$00 |
| Os Degenerados.....5\$00 | Os vagabundos.....5\$00 |
| Na Prisão.....2\$50 | Jaime Cortezão.—Adão e Eva (tea- tro).....5\$00 |
| Jorge Teixeira.—Galunos de Luva Branca.—A Escamalha (peças de teatro).....2\$50 | Vishnho do Mar.....8\$00 |
| Cavalgada do Sonho.....8\$00 | Terras de Fogo.....8\$00 |
| Maivert.—Ciência e Religião.....10\$00 | |

Guerra Junqueira.....10\$00

Musa em férias.....9\$00

Os Simples.....7\$00

A velhice do Padre Eterno (Edu-
cação de luxo).....14\$00

Brochado.....10\$00

Os Degenerados.....5\$00

Os vagabundos.....5\$00

Na Prisão.....2\$50

Jaime Cortezão.—Adão e Eva (tea-
tro).....5\$00

Jorge Teixeira.—Galunos de Luva
Branca.—A Escamalha (peças de
teatro).....2\$50

Vishnho do Mar.....8\$00

Cavalgada do Sonho.....8\$00

Terras de Fogo.....8\$00

Maivert.—Ciência e Religião.....10\$00

Nogueira de Brito.....15\$00

I.—Memórias de Angela Pinto.....5\$00

Plasani.—Iniciação matemática.....15\$00

Oliveira Martins.....30\$00

Helenismo e a Civilização Cristã.....30\$00

História da Civilização Ibérica.....30\$00

História da República Romana (2
volumes).....30\$00

História de Portugal (2 vol).....30\$00

Raças Humanas (2 vol).....30\$00

O Brasil e as Colónias Portuguesas.....15\$00

Cartas Peninsulares.....15\$00

Sistema dos meios e feições religio-
sas.....15\$00

Orlando Margal.....6\$00

Agua clara.....1\$00

Imagens de Sôno.....8\$50

Spencer.....10\$00

Da Educação (broc. 5\$00) encuad.....8\$50

Rauf Bandão.....10\$00

Os pescadores.....10\$00

Os Pobres.....10\$00

O Teatro.....8\$00

Victor Hugo.....20\$00

França e Bélgica.....12\$00

O Reno (2 v).....40\$00

Os Miseráveis (2 grossos vol) ilus-
trados, encadernados.....12\$00

Zola.....12\$00

A Taberna.....6\$00

Tereza Raquir.....10\$00

Alegria de viver (2 vol).....10\$00

A conquista de Plassans, (2 vol).....20\$00

Recundade.....10\$00

A fortuna dos Rougons, (2 vol).....9\$00

Uma página de amor.....10\$00

Dr. Pascal.....7\$00

Zargame—origem da vida.....3\$00

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista.....3\$00

Antonelli.—A Rússia bolchevista.....2\$00

Sr. Albert.—O amor livre.....5\$00

Dufour.—O sindicalismo e a proxi-
ma revolução (2 volumes).....10\$00

Emilio Bossi.—Cristo nunca existi-
u.....6\$00

Geo Williams.—Relatório dos dele-
gados dos I. W. W. ao congresso
da I. S. V. de Moscou.....1\$00

Gladiator.—A questão social do Bra-
sil.....13\$50

Gustavo le Bon.....8\$00

As primeiras consequências da
guerra.....8\$00

Ensinamentos psicológicos da
guerra europeia.....8\$00

Leis psicológicas da evolução da
Povos (enc.).....6\$00

Guyau.—Ensaio duma moral sem
obrigação nem sanção.....5\$00

Educação e Hereditariedade.....4\$00

Hamon.....5\$00

A conferência da paz e a sua obra
As lições da guerra mundial.....8\$00

O movimento operário da Gran-
Bretanha.....5\$00

Psicologia do socialista-anarquista.....5\$00

A crise do Socialismo.....3\$00

Henrique Leone.—O Sindicalismo.....4\$00

A BATALHA

Deve-se lutar a todo o transe por evitar
que triunfe o ensino regioso nas escolas



A moral humana é fundamentalmente contrária à moral religiosa

A moral popular só na Razão pode
fundar-se.—Charles Richet.

Se a Razão é o principal dom que a natureza aos homens concedeu, aquele que sempre os tem distinguido de todos os outros animais, por que motivo é que, tanto e tantas vezes, dela se arreciam os confissões?

Em todos os tratados e compêndios, oficialmente reconhecidos e aceites, vemos proclamar que o homem deve à Razão todo o seu poder, todos os privilégios que o elevaram à categoria de rei da criação.

A ela, com efeito, devemos tudo o que em nós é bom e grande e nobre.

Foi ela que, de um ser ignorante e bestial, fez nascer o *homo sapiens*, sociável e humano que hoje somos.

Sendo assim, porque lhe não confiaremos a função directriz que os filósofos lhe têm, continuamente, atribuído?

Se ela é — como, em verdade, sempre afirmaram pela boca dos seus pensadores, as épocas de maior brilho na História — o mais precioso de todos os bens e o nosso guia mais seguro, porque não empregaremos todos os nossos esforços em cultivá-la, desenvolvendo-a sem cessar, para que ela, sem cessar também nos encaminhe para esse progresso indefinido e sempre novo que todos, cedo ou tarde, perto ou longe, têm a certeza de encontrar?

A Razão, pois, fez do homem um ser moral, uma pessoa. Separou-o dos restantes animais, fazendo-lhe conceber e desejar um ideal superior.

Isto posto — e onde encontramos nós hoje consciências livres que o neguem? — é preciso consagrar o melhor dos nossos esforços a melhorá-la incessantemente, a fim de que ela nos torne cada vez mais dignos da alta missão, social e humana, a que nos dedicamos, e temos o dever de realizar.

Já consideramos, e julgamos ter demonstrado, que a moral confessional não pode ser nem universal nem absoluta.

Todavia, a lei moral real, como todos reconhecem, essas duas características. É universal, porque obriga a todos e em todos os lugares; é absoluta, porque nada existe que contra a sua autoridade prevaleça.

A pesar disso e ao contrário do que afirmam os deístas, a moral sofre transformações. A medida que a Razão se desenvolve e a ciência ocupa o lugar da ignorância e das superstições; a medida que vamos tendo, da vida, uma noção mais justa e mais completa, a caminho do ideal que nos conduz e incita, a moral segue, no espírito que procura a verdade, uma trajectória que se caracteriza pela sua gradual e contínua transformação.

Esta é a moral que defendemos, a moral científica, a única, com direito a chamar-se universal.

Para ela tendem todos os povos e, há muito, as principais religiões.

Direi mesmo todas as religiões, porque todas elas se tem esforçado por conseguir a universalidade da moral.

Infelizmente esse desiderato não pode ser por elas atingido, porque a sua esfera de acção é cada vez menor. O mundo está continuamente a dividir-se e a subdividir-se em seitas, vendo todas elas diminuir também, cada vez mais, o seu prestigio.

Assim não pode haver, para nenhuma delas, a esperança, próxima ou remota, de congregarem todas as opiniões, chamando a si os crentes das demais religiões. Porque todas e cada uma delas pretendem o exclusivo divino, a infalibilidade. Para isso era necessário que todas, menos uma, abdicassem dos seus dogmas e princípios teológicos, isto é, se eliminassem.

Podem os cristãos dizer-nos: — «Pois que se integrem os crentes das outras confissões na religião divina do Cristo e teremos fundado a moral universal».

E' impossível, pela simples razão de que os crentes das outras religiões pensam como os cristãos: a sua religião é a melhor, porque é a única divina, a única fundada por Deus que, vindo do Céu à Terra, aqui obrou em favor dela os mais estranhos e singulares prodígios.

O próprio feticheismo, ainda o mais rudimentar, gira em torno desses princípios básicos. Os seus manipulos ou feticheiros são, como os restantes deuses, agentes sobrenaturais, criadores do Céu e da Terra, omnipotentes, eternos e infinitos, assistindo aos bons nas suas aflições e desventuras, e castigando os maus com penas implacáveis e fatais.

Ora, uma lei moral para poder conciliar tudo e todos, isto é, para ser universal, precisa assentar em princípios universalmente aceites.

Mas para que tal suceda é preciso, como já vimos, que todas as confissões religiosas se resignem a abdicar da sua.

E onde existe, ali, repetimos, religião ou seita disposta a sacrificar o seu ideal teológico ao vasto ideal humano? Em parte alguma.

Assim, com semelhante dogmatismo, impossível se torna qualquer conciliação.

A moral universal, pois, tem de fundar-se inteiramente fora do campo confessional.

Dizem, no entanto, os defensores da moral religiosa: — «E' necessário impor a regra dos costumes e dos preceitos à sombra duma religião revelada, porque ela é, para o povo, o que o freio é para o animal destituido de razão».

O argumento, deprimente e grosseiro para aqueles a quem se refere, nem ao menos se recomenda pela originalidade. E' velho como a teologia. Já no Egipto e na Caldéia e na Índia os sacerdotes dele usaram e abusaram. Na Grécia e em Roma os políticos fizeram causa comum com os sacerdotes, e o velho argumento oriental serviu, à maravilha, nas coisas da religião como nas da política.

Era, como todos hoje reconhecem e confessam, a teoria vulgar do interesse. Exigia a observância duma religião que os servia, embora eles próprios, quasi sempre, não acreditassem nela. O seu Deus, metido em querelas de seitas e partidos, era, como lhe chama o escritor contemporâneo, um *épouvantail ridicule qui compromet le grand nom qu'il usurpe* (1).

«Não devemos fundar, seja o que for, sobre a mentira ou sobre a hipocrisia, acrescenta o mesmo autor. Por maior que pareça a felicidade de se ser enganado, o povo recusa semelhante benefício: quer e reclama a verdade, a nossa, aquela em que acreditamos e vivemos. Tem razão para no-la pedir e nós o direito de lhe não recusarmos».

«Ora o que nós acreditamos, ao menos a grande maioria, não é mais aquilo em que nossos pais acreditaram. Os progressos da ciência transformaram as concepções do mundo físico; as grandes invenções da indústria mudaram as condições da vida material; surgiram necessidades novas e novas esperanças vieram despertar-nos... E porque, de facto, a sociedade civil é hoje mais vasta que a religiosa, com suas variadas seitas que se degradam e excluem, sem falar na multidão dos indiferentes, resta desembaraçar a verdade moral que, acima de todas as divergências rituais e dogmáticas, poderá unir os espíritos numa fé prática, comum».

Essa fé, tão necessária, como a consequência?

Despertando em cada um de nós a consciência desta humanidade que, sendo já um testemunho singular da nossa força e do nosso génio, seja também o padrão máximo do nosso orgulho e da nossa dignidade.

Mas para isso urge esclarecer, não enfiar. E é precisamente porque as confissões religiosas se tem preocupado mais com o freio do que com a razão, que por toda a parte elas são combatidas e odiadas.

Podem objectar-nos: — «Para os cérebros tacanhos não há razão que valha».

Responderemos perguntando: — E ficarão melhor abafando-se-lhes, ainda, a pouca com que os dotou a Natureza?

Por isso, o que há a fazer não é escurar ou apagar essa pequena luz, mas alimentá-la, estimulá-la, engrandecê-la pelo desenvolvimento da inteligência.

Quando se nos tolhe um braço ou nele diminui o movimento, o remédio não está no repouso absoluto, mas no exercício gradual e contínuo.

A função faz o órgão. E aí do que a não exerce! Acontece-lhe há como a certos animais — especialmente os representantes da fauna aquática, os quais, habitando lugares de profunda escuridão, como em geral acontece nas grandes cavernas, acabam, na sucessão das gerações, pela atrofia total dos órgãos visuais.

Tomás da FONSECA

(1) Sallies, *Education et Révolution*, pag. 70.

Grande excursão fluvial

A comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa realiza no dia 15 de agosto um passeio fluvial pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, havendo um desembarque na Trafaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, onde se prosseguirá o passeio até ao Seixal regressando daí a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço, pelas 8 horas, devendo regressar-se às 20 no mesmo local.

Accompanha a excursão um excelente grupo musical, estando a comissão organizadora elaborando um interessante programa de diversões populares que muito hão de agradar aos excursionistas.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do continuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10500, podendo ser pagos em 4 prestações de 2550 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

Em volta das festas da Rainha Santa

O governador civil de Coimbra
ao serviço do Bispo-Conde?

COIMBRA, 8.—Procurou-nos ontem um membro da comissão de festejos da Rainha Santa para nos pedir que protestássemos na Batalha contra uma arbitrariedade do governador civil deste distrito.

Esta autoridade comunicou, à última hora, à referida comissão que não consentia que a banda de música do Trovical viesse a Coimbra tomar parte nas festas, sob o pretexto de que tinha recelo que a multidão se indignasse com a presença da dita banda sobre a qual caiu há anos a excomunhão eclesiástica.

A comissão obtemperou-lhe que já há dois anos esteve aqui a banda «herética» e o povo fez-lhe bastantes ovações. Demais, a banda tomaria apenas parte nas diversões de carácter cívico para evitar qualquer descalço da parte dos católicos.

Como fôsem baldadas estas explicações um componente da comissão propôs-se assumir todas as responsabilidades mandando vir a banda por sua conta. Como nem assim o governador civil modificasse a sua atitude, disseram-lhe indignadamente que tudo fazia acreditar que sua ex.ª estava fazendo o jogo descarado do clericalismo. O governador civil não gostou da afirmação. Mas a sua atitude é a melhor demonstração de que não andará muito longe da verdade.

Sinais dos tempos...—(C.).

As missões religiosas Os serviços públicos

A especulação que as massas reacionárias estão fazendo ao
redor das missões coloniais

Quem ler os jornais de grande circulação, e tenha um cérebro suficientemente lúcido e desapassionado para o livre exame dos factos, fica verdadeiramente pasmado ante a arteira e grosseiríssima especulação que as canastras de todos os feitios e os lórnas de todas as bitolas movimentam em redor das missões religiosas coloniais, querendo impô-las como organismos de grande potência na obra de civilização e nacionalização das populações indígenas coloniais.

Tendo triunfado um movimento ultrac-conservador que de principio, foi arrancar ao centro católico 3 ministros, um dos quais, o sr. dr. Mendes dos Remedios, já em Coimbra tinha estado à frente dum colégio de jesuitas, — era fatal o evocar impetente e triunfante dos mais activos elementos da reacção.

Impuseram estes, logo de entrada, o reconhecimento da personalidade jurídica da igreja e a liberdade do ensino religioso nas escolas de ensino primário geral; e para que em toda a terra portuguesa se fizesse sentir a aza negra dum seita tenebrosa, para a imprensa se atirou com a ideia de se protegerem nas missões religiosas coloniais, dando o golpe de morte nas missões laicas.

E o desafio foi além de toda a espectacular.

As missões religiosas já hoje disfrutam de protecção superior à que lhes era concedida no tempo da monarquia. Os seus agentes já têm assegurado o direito a uma reforma por inteiro, logo que concluíam 10 anos de alistamento, onde podem ser incluídos 2 anos de licença.

Tal garantia, que nenhum outro funcionário público disfrutava, só num país de loucos podia ser concedida; pois as canastras de todos os feitios e os lórnas de todas as bitolas que formam o grande rebanho do fanatismo dominante, ainda entendem que os agentes das missões religiosas coloniais não estão suficientemente amparados pelo Estado, e por isso estadeiam nos jornais de grande circulação uma campanha tendente a levar os poderes públicos a maiores transigências, a mais avantajadas protecções.

E até já um ministro, amolecido pela atmosfera habilidosamente criada pelos agentes desenfreados duma reacção sem peias, aos jornais vai dizendo que «deseja desenvolver as missões religiosas coloniais, por considerá-las um dos elementos mais importantes para a nacionalização das colónias».

Em monarquia, com D. Amélia de Orleans no Paço das Necessidades, compreendia-se e justificava-se o que por aí vai, mas em república, assistir-se ao mais desbragado descrédito das missões civilizadoras — é mais do que de pasmar, porque é apertar num torniquete de amargura e desilusão, os corações daqueles que se bateiam por um regime de liberdade, incompatível sempre com a reacção católica ultramontana.

O ministro desconhece a obra das missões religiosas. Não admira.

Os homens levados ao poder pela força das espadas do que pela potência das ideias, não tiveram tempo de ler os magistrais relatórios de António Enes, de Freire de Andrade, de Carvalho Araújo; e, como a hora que passa é favorável ao fanatismo soprado das sacristias, natural é que ao povo liberal deste desgraçado país, a reacção ultramontana queira impor a albarda das suas convicções inquisitoriais.

Isso, porém, não será feito sem o nosso mais veemente protesto.

Missões religiosas, basta as que temos. Há no país várias escolas de habitação para o exercício do magistério primário. Só a esses institutos de ensino se devem pedir agentes civilizadores.

Há em Portugal aproximadamente 3.000 professores sem colocação. — Nessa legião de profissionais desempregados, devem ser recrutados os indivíduos encarregados de, no sertão africano, difundirem a noção civilizadora.

Está provado que o professor dá mais seguro e mais alto rendimento, na obra de civilização, do que o padre, o que de resto vem confirmar a apostrophe de Victor Hugo: «Há agora em cada aldeia um brando acesso, o mestre-escola, e uma boca que tenta apaga-lo, o padre».

As missões religiosas, embora sejam muitos a elogiar a sua acção, nada têm feito na Africa. António Enes esmagou-as com a sua pena de gigante, no seu relatório administrativo; mas, se as estações ministeriais querem tirar a prova da sua utilidade, requisitem das repartições publicas das colónias «números sobre habilitações» e não palavras, e, ver-se-há que a acção educativa e civilizadora dos professores primários, agindo no nosso meio, é 3 ou 4 vezes superior à dos missionários católicos, ficando o trabalho dos primeiros muito mais barato ao Estado do que o dos segundos, — o que comprova não que as missões religiosas são dos mais importantes elementos para civilização das colónias — mas que, pela inferioridade da sua acção comparada com a dos primários, — são elementos prejudiciais aos interesses do Estado.

Os números demonstrarão isto, embora a reacção ultramontana continue a encher o ar de hossanias e as gazetas complacentes de prosa alambicada e falsa nos fundamentos.

Os desiludidos

Escreve-nos declarando ter-se desligado do partido radical, por ele ter tomado uma atitude contrária aos seus princípios de liberdade, o sr. Manuel Gonçalves Pedreiro.

Congresso Pedagógico

Realizam-se nos dias 8, 9, 10 e 11 de Agosto próximo o Congresso Pedagógico e reunião magna, promovidos pela União dos Professores Primários, sendo acompanhada dum exposição de trabalhos manuais de todas as escolas primárias do país. Há grande entusiasmo entre o professorado, trabalhando-se afincadamente por toda a parte para o bom êxito desse certame escolar. As sessões efectuar-se-hão no ginásio da Escola Académica, cedido pelo seu director o dr. sr. José Castelo Branco.

A redução de vencimentos aos indivíduos que têm três e quatro empregos, apenas veio provar que não existem funcionários a mais, o que existem é serviços que urge remodelar.

A questão do funcionalismo conquanto seja das que mais tem agitado a opinião em Portugal, ainda não chegou a ter aquela solução que seria para esperar.

Está-se hoje como há um século, áparte umas pequenas modificações feitas quando do governo José Relvas e uma ou outra introdução, a situação do funcionalismo na parte que se refere a liberdade, deveres e direitos é precisamente a mesma. Observa-se para com o funcionalismo uma atitude que por vezes nos chega a parecer que se esquecem serem estes serventúrios o verdadeiro sustentáculo do Estado, e o melhor auxiliar na obra de administração e gerência, a que o mesmo se propõe.

Verifica-se constantemente uma desigualdade odiosa de tratamento e uma tremenda salganha de vencimentos. Para o funcionalismo quasi se pode afirmar áparte aqueles que da repartição fazem um simples passa tempo, nada ter influido a mudança de regime. A organização dos serviços é, em parte atrabária e comprometedor. Há-os com excesso de pessoal e há-os que mal podem funcionar pela sua carência. Há repartições cuja utilidade ninguém conhece e cargos cuja acumulação de tarefa ninguém compreende. Há dispêndios inúteis de elevadas quantias que são meros pleonismos em funções quando a sua suspensão ou diminuição de despesa daria para compensar outros funcionários mais prestimosos e miseravelmente pagos. Há regalias especiais para uns e funções técnicas que a outros são negadas.

Idênticas categorias, em serviços e funções correspondem os mais desiguais tratamentos, desigualdade que vai desde o vencimento até à diversidade das mais ínfimas regalias.

Leis na verdade têm sido publicadas tendentes a melhorar este estado de coisas, mas ou já nascem tortas ou se entortam à entrada das repartições; algumas, bem podem titular-se leis de excepção, visto que aproveitam a uns em detrimento de outros.

Exigem-se obrigações pesadas e por vezes perigosas, a classes a quem em troca se concede para prêmio à honradez, à honestidade, à sua dedicação e ao seu sacrifício, vencimentos magríssimos que contrastam em absoluto pela sua insignificância e pela sua magreza com os pingues e rendosos vencimentos de outras verdadeiras inutilidades.

O recrutamento do funcionalismo é como de resto toda a organização do Estado, imperfeita e prejudicial, pois que na luta enorme duma política, sempre variável e de protecção, em que se chocam as mais variadas ambições e apadrinhamentos nestas mais exquísitas pretensões, não há competência, não há justiça como não há razão. O número e a escolha tem dependido única e simplesmente da vontade da politica, do capricho do chefe ou da força do cacique. Ora se faz da repartição uma dependência de Runa para onde se atiram os manhosos reformados do exercito e da marinha que auferem dois vencimentos ao mesmo tempo e mamam a dois carrinhos, ora se admitem crianças como nos asilos da Assistência e Tutoria da Infancia. Não há critério como não tem havido uma lei. Tudo se confunde e tudo se atropela. As incompetências têm-se elevado com prejuizo da disciplina e dos serviços. A república, não tem por vezes neste ou naquele ponto a defesa necessária ao seu crédito porque a admissão do pessoal é feita sem escrúpulos, sem método e sem concurso.

Na França, na Bélgica, na Inglaterra, na Alemanha, ao esboçar-se os princípios da luta sindical foram os governos quem mostrando-se preocupados inquiriram dos seus serventúrios as razões do descontentamento; em Portugal e apesar das constantes reclamações formuladas ninguém até hoje se tem preocupado, tudo permanece como dantes. O funcionalismo, aquele funcionalismo que tem a secretaria como profissão e o serviço como sacerdotio, não tem direitos nem regalias, tem apenas que gastar uma vida inteira na junção dos números ou na adaptação das fórmulas e regras das leis, em benefício ainda dos que tomam o estado como uma tela ubérrima e produtora. Grita-se, exige-se e reclama-se a reforma dos serviços mas feita em bases honestas e modernas. Porém, ou não o atendem ou lhe não ligam importância daí, a desorganização cada vez maior e mais prejudicial.

Por toda a parte se critica o funcionalismo e se aponta a falência do Estado como administrador e como proprietário. De todos os lados surgem como péssimas as provas que a República tem dado, na sua administração, mas de parte alguma com segurança e sinceridade se indicam essas causas ou dizem as suas origens, pois quanto a nós, bastaria a reforma pura e simples de todo o sistema, mas feita por quem sabe e a deve fazer.

Agora como de resto sempre que um governo a outro sucede nas cadeiras do poder, não faltam promessas nem escaceiam projectos, no entanto o início pouco de útil nos deixa anteveer no futuro. E' facto que já para aí se anuncia como complemento das medidas em projecto um largo e poderoso corte nos quadros do funcionalismo, mas não nos iludamos, essa medida a ter execução apenas terá como consequência o lançamento na miséria de duas ou três centenas de criaturas que não estejam nas boas graças desta ou daquela pessoa, pois os serviços em nada com tal lucrarão e não, porque não há funcionários a mais, o que há, é funcionários mal distribuídos e serviços mal organizados.

A primeira medida governo ácerca da redução de vencimentos apenas veio provar a verdade do que afirmamos, de contrário o governo em vez de ter deixado que o mesmo funcionário ocupe três e quatro empregos o que além de ser imoral é vexatório e atentatório da boa disciplina uma vez que ninguém consegue estar em dois pontos ao mesmo tempo a não ser que tenha o dom da umbiguidade, teria cortado cerca esse privilégio e essa liberdade. A redução que se tentou fazer apenas estaria certa se extinguisse pura e simplesmente o bródio das acumulações, ainda que para tanto se tivesse que pagar condignamente aos funcionários que em tal regime viviam; assim,

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais Ao proletariado de todo o país

Hoje, sábado, não devem os trabalhadores esquecer os seus camaradas que se encontram privados da liberdade e que por esse facto não podem angariar o sustento para si e suas famílias.

Este Comité apela para a solidariedade dos trabalhadores a-fim-de aos presos sociais não ser suspenso o subsídio que, a-pesar-de de diminuto, vai no entanto minorar um pouco a situação aflitiva dos encarcerados.

A'manhã todos os camaradas conscientes deverão abrir quetes nos locais de trabalho e nenhum trabalhador deverá regatear a sua quota parte de solidariedade para os presos.

Solidariedade, pois, aos presos sociais!

Todas as importâncias deverão ser entregues, sem demora, na sede deste Comité, todos os dias, das 20 às 23 horas.

O COMITÉ PRÓ-PRESOS SOCIAIS.

Vida Sindical

C. G. T.
Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal para um assunto urgente.

COMUNICAÇÕES

S. C. Civil — Seção do Alto do Pina — A comissão de festas pró-melhoramentos da sede convida todos os depositários de diferentes quantias a entregá-las hoje, das 21 horas em diante.

— A comissão administrativa, reunida com a comissão escolar, resolveu abrir inscrição para alunos, sob a cotização mensal de cinco escudos. A inscrição está aberta na sede, durante o mês corrente, para ambos os sexos.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

S. U. C. Civil — Seção do Alto do Pina — Pelas 21 horas, a comissão liquidadora de contas.

Maquinistas Fluviais — Pelas 17 horas, assembleia geral, para apreciação de uma circular do Instituto de Seguros Sociais.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Seção de Belém — Em assembleia geral apreciou-se a acção do secretariado e várias irregularidades administrativas, tendo sido nomeada uma comissão de inquérito que ficou com o encargo de apresentar, no prazo de 15 dias, um relatório sobre o assunto. Apreciousse o relatório da gerência anterior, sendo aprovado. Apropov-se um protesto contra a sentença imposta a Sacco e Vanzetti pelo capitalismo americano.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Marinheiros e Moços da Marinha
Mercante

Efectuam-se hoje, e prosseguirão amanhã, as festas comemorativas do nono aniversário do Sindicato dos Moços e Marinheiros da Marinha Mercante. O produto destas festas será destinado a amortizar os compromissos assumidos na aquisição da sede própria. O programa das festas é o seguinte: Hoje: canção nacional. A'manhã: 6 horas, alvorada; às 14 horas, sessão solene, com a presença de varios oradores dos organismos sindicais e palestra por um militante operário; às 20 horas, actos de variedades com o concurso de varios cultores da canção nacional. As festas serão abrilhantadas por musica e quermesse. Haverá também bufete. A comissão apela para que todos os socios contribuam com qualquer prenda para a quermesse. As recordações oferecidas pelos socios ou qualquer sindicato, podem ser entregues na sede própria, Calçada Castelo Branco Sarráiva, 42, todos os dias, onde se encontram permanentemente membros da comissão de festas.

não, pois com ela o país pouco lucra. Provove-se francamente que o funcionalismo não é de mais tanto assim, que necessita que um só funcionário como o sr. Queiroz Veloso desempenhe sózinho três, quatro e mais lugares públicos.

Outras medidas este governo já tomou como por exemplo o corte nos vencimentos dos funcionários do Congresso, que de há muito por artes mágicas viviam num verdadeiro regime de favoritismo, mas com isso nada lucrou o funcionalismo, bem pelo contrário, pois ficou privado, se subir até ao ponto em que aquele permancia e agora nem sequer lhes serve citar o facto dos oficiais militares, que aumentados por essa mentirosa figura de politico abanaldado António Maria da Silva, até agora não souberam ou não quiseram atirar à cara de quem tentou comprar-lhe a sua consciência com o aumento em referência.

Mas o funcionalismo vive satisfeito. O funcionalismo vive contente, embora morra de fome ou rebente de indigestão a sua alegría é sempre a mesma, como a mesma é a gratidão que deve a este ou outro patráo; com todos se dá e a todos obedece, apenas aguarda e confia que a reforma se faça e não dê maneira a que fique pior do que estava até então, e se a reforma se não fizer e tudo continuar como até aqui, ele também se não importa, pois a tropa é que manda e ele tem que obedecer e não que discutir.

Paulo EM LIO

AS GREVES

Maquinistas e fogueiros da casa
Fialho

PORMILÃO, 7.—Conforme noticiámos declarou-se em greve o pessoal de fogo e máquinas da casa Fialho.

Ampliando a nossa noticia, a-fim de melhor informar o publico falamos com um dos maquinistas da casa Fialho que se prestou a esclarecer-nos:

— Como v. sabe, deu-se na casa Fialho uma baixa de salários, onde os que mais sofreram foram os pobres pescadores.

— Mas, o sr. Fialho ou os seus representantes não tencionavam pôr em terra os dois galeões que tinham no mar?

— As medidas que prejudicam operários não são da sua responsabilidade, mas sim dos seus encarregados.

— Sobre as origens do nosso conflito sabemos de fonte limpa que o sr. Fialho nada sabe. O responsável de tudo o que se passa é o sr. Carvalho, maquinista-chefe.

— Mas não estavam vocês afastados do serviço devido a estarem os galeões em terra?

— Nós estávamos em terra, devido à falta de peixe, mas estavam sempre à ordem. Como você sabe estão deslocados fogueiros e maquinistas com mais de 10 anos de casa, estando sempre à espera que o peixe apareça para irem ao mar.

— Mas, estando só dois galeões ao serviço e não pagando o sr. Fialho ao pessoal deslocado porque razão lhe queria baixar os salários?

— No dia 29 do mês passado foram os maquinistas dos galeões que estão no mar, chamados pelo sr. Carvalho que lhes declarou terem de sofrer uma redução nos seus salários. Calaram-se os maquinistas pois sabendo que o sr. Carvalho é um despotista que tudo quer e tudo manda recearam contrariá-lo, de entrada, supondo ainda que essa baixa de salários só entraria em vigor no mês que decorre. Assim não aconteceu, pois quando foram presentes as folhas ao sr. Carvalho, este declarou insolentemente que se quizerem trabalhar teriam que aceitar imediatamente a baixa de salários.

— Não se sugereitamos os nossos camaradas a tal violência, ameaçando-os logo o sr. Carvalho com o despedimento.

— Por duas vezes foram os maquinistas a casa do sr. Carvalho respondendo este que se considerassem despedidos. Julgava este que os maquinistas e fogueiros que se encontravam deslocados iriam atiraçar os seus camaradas.

— Mas, diga-nos como conseguiu o sr. Carvalho pôr a navegar os dois barcos?

— Eu lhe digo: para dar o exemplo foi o sr. Carvalho ao mar, sem fogueiro, trabalhando só, durante 24 horas, cremos que sem ordem da Capitania.

— Mais tarde aliciou um amarelo que para vergonha nossa é sindicado na Associação dos Maquinistas de Lisboa. Chama-se António Gregório Santa Rita. Há ainda outro amarelo, que invocando a sua qualidade de antigo maquinista da Armada, disse ter sido obrigado pela Capitania a ir para bordo dum barco onde não estava matriculado. Este indivíduo que dá pelo nome de Manuel Pereira é como lhe disse reformado da Armada, ganhando pela reforma a bagatela de 700 escudos mensais.

— Entre os fogueiros também há amarelos?

— Não há. O sr. Carvalho na impossibilidade de aliciar amarelos viu-se obrigado a colocar como fogueiros um velho de 60 anos que já estava reformado do serviço e alguns chegadores, isto é, aprendizes de fogueiros. Anda como fogueiro Alberto Fernandes, um rapaz que era chagador no «Algarve 6».

— Tudo isto tem sido feito por deliberação do sr. Carvalho, auxiliado pelo engenheiro Fernandes e o sr. Jaime e Calado que tudo encobrem ao sr. Fialho.

SOLIDARIEDADE

Realiza-se hoje, se fôrem permitidos os espectáculos públicos, a festa de solidariedade às famílias de Cristóvão da Silva Pinheiro e José dos Santos Azevedo. Todos os portadores de bilhetes deverão liquidá-los até hoje, à noite.

— Também, em iguais condições, se efectuará amanhã a festa de solidariedade a Joaquim da Silva.

— Os portadores de bilhetes para a festa de Alfredo Lopes e Francisco Gil devem comparecer hoje, pelas 20 horas, na sede do Sindicato da Construção Civil, a-fim-de liquidarem contas.

ASSINEM

Os Mistérios do Povo